

Os Papas da Veja: A construção de personagens de Francisco na revista Veja

Felipe Bonow Soares¹
Antônio Luiz Oliveira Heberlé²

RESUMO: No dia 13 de março de 2013 Jorge Bergoglio foi eleito o novo Papa da Igreja Católica, escolhendo o nome Francisco. Nos dias 20 e 27 do mesmo mês, foram às bancas duas edições da revista brasileira Veja em que o Papa era assunto central. Este estudo faz uma análise dos signos que são associados ao novo pontífice nas reportagens das duas edições. Foram encontrados quatro diferentes personagens do Papa: o Papa simples e humilde, o Papa ético, o Papa popular e o Papa como figura política. O mais interessante é observar que na construção da mensagem da revista Veja a crítica aos governos de esquerda está constantemente referida e o novo Papa tem uma forte conotação política no cenário da América Latina. Sabe-se ainda que os signos associados ao Papa na revista podem ter consequências práticas nas sociedades em que a mensagem é lida.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco; Veja; Semiótica; Reportagem.

ABSTRACT: On March 13th, 2013 Jorge Bergoglio was elected the new Pope of the Catholic Church, choosing the name Francis. In the 20th and 27th of the same month, two editions of the Brazilian magazine Veja were published and the Pope was the central issue. This study is an analysis of the signs that are associated with the new pontiff in the reports of the two editions. Were found four different characters from the Pope: the simple and humble Pope, the ethical Pope, the popular Pope and the Pope as a political figure. The most interesting is to note that in the construction of the message of Veja magazine the criticism of leftist governments is constantly referred and the new Pope has a strong political connotation in Latin American scenario. It is known that the signs associated with the Pope in the magazine may have practical consequences in societies where the message is read.

KEYWORDS: Pope Francis; Veja; Semiotics; Report.

1. Introdução

A sociedade contemporânea tem os meios de comunicação de massa como um elemento central e de grande importância na vida cotidiana de qualquer indivíduo. Isso

¹ Estudante do curso de graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), bolsista PIBIC/CNPq na Embrapa Clima Temperado.

² Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação. Professor do curso de Comunicação Social na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Pelotas, Brasil. Pesquisador da Embrapa Clima Temperado.

não é grande novidade. Sapper (2003) destaca que, para além deste papel desempenhado pelos media, eles são também responsáveis por estarem incorporados na produção dos imaginários coletivos e estão ainda centro das interações sociais devido a capacidade de uso de linguagens e os avanços das tecnologias.

Estamos inseridos em uma sociedade de diferentes interesses (políticos, econômicos, etc). Deste modo, é preciso estar atento as relações entre o que é dito e as consequências práticas do discurso. Ou seja, as ideias presentes em um meio de comunicação importante e reconhecido (como é o caso da *Veja* no Brasil) sempre terão influência na sociedade e nos receptores. É válido, deste modo, buscar reconhecer quais os sentidos apontados pelas reportagens da revista referentes ao Papa Francisco. O objetivo deste estudo é, portanto, compreender quais são os diferentes signos associados ao Papa pela revista *Veja* nas reportagens das edições lançadas em 20 e 27 de março, respectivamente, uma e duas semanas após a eleição do atual Papa da Igreja Católica.

Para tal, utiliza-se aqui a concepção triádica de Peirce (1995) em que necessariamente um signo representa um objeto para alcançar um interpretante (o conteúdo de uma representação, ou seja, um sentido gerado para o intérprete). Sabe-se que as reportagens jornalísticas podem levar as mensagens, mas os sentidos últimos só se realizarão de fato no leitor, no intérprete. Ainda assim, dado que “um signo está sempre ‘corporificado’ em alguma coisa” (HEBERLÊ, 2005, p. 171), é possível verificar quais são os signos que a Revista *Veja* elege e assim associa ao Papa Francisco. Afinal, a mensagem em si dá sugestões das significações que pretende emanar no intérprete, além disso, a tendência é de que os interpretantes se assemelhem de alguma forma no caminho da compreensão.

Antes de seguir para a análise, é importante refletir sobre a relação entre os signos e a mídia. Sabendo-se que a atividade jornalística é a apresentação de versões de fatos da realidade cotidiana, esta é “uma fonte permanente de produção e abastecimento de signos que emanam dos inúmeros acontecimentos do dia-a-dia” (Ibid, 2005, p. 82). Ainda na mesma linha de pensamento, percebe-se que a operação jornalística pode ser referida “como a própria publicização da semiose dos discursos contemporâneos, cujos signos continuam agindo na equação social indefinidamente, gerando novos interpretantes e, portanto, provocando novas leituras e novos textos” (Ibid, 2005, p. 84).

No que diz respeito às questões estruturais, a imprensa escrita é ao mesmo tempo monológica e dialógica. É monológica “porque se estrutura a partir de um autor que estrutura o texto de acordo com a sua percepção do assunto” (Ibid, 2005, p. 168). É ainda dialógica “porque o texto jornalístico é articulado a partir de diferentes fontes (enunciadores)” (Ibid, 2005, p. 169). No caso das reportagens há um espaço maior para articulação, argumentação e produção de sentidos. Aqui referimos especialmente a revista semanal *Veja*, onde se pode perceber articulações discursivas de cunho monológico, em que os autores possuem um papel chave na construção e produção das mensagens, embora as fontes (quando utilizadas) possuam a capacidade de influenciar o autor e também “falarem” por meio da reportagem.

Os interesses, por mais diversos que sejam, tanto do autor como das fontes tornam-se elementos essenciais para a construção final. O posicionamento, o contexto e a ideologia do meio também tem papel importante nessa relação. Deste modo, pode-se dizer a priori que as reportagens ou os discursos são “essencialmente performáticos, no sentido de desempenharem um papel de defesa e sustentação do segmento que representam e por vezes não-empáticos ou mesmo antagônicos com as ideias de outros campos e atores sociais” (Ibid, 2005, p. 169). Ou seja, pode-se falar do Papa a partir de diferentes pontos de vista e assim ter-se-á tantos Papas relatados quanto forem os campos em disputa.

2. Os Papas da Veja

O argentino Jorge Mario Bergoglio é o primeiro Papa nascido no continente americano, além de ser também o primeiro Papa jesuíta. Nasceu em Buenos Aires, em 17 de Dezembro de 1936. Eleito em 13 de março de 2013, é o 266º Papa da Igreja Católica. Quando escolhido, adotou o nome Francisco, em referência a São Francisco de Assis, conhecido pela sua simplicidade e dedicação aos pobres.

A *Veja* é uma revista brasileira de circulação semanal publicada pela Editora Abril. A sua primeira edição foi lançada em 11 de setembro de 1968. Segundo dados disponibilizados em seu site³, a *Veja* é a revista de maior circulação nacional atualmente, possui 917.193 assinantes e tem aproximadamente 130 mil compras

³ O acesso para a obtenção dos dados foi realizado em 04/06/2013, no site <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>

avulsas, sendo a circulação líquida de quase 1 milhão e 50 mil e a tiragem de aproximadamente 1 milhão e 200 mil. Uma das vantagens de utilizar a Veja como estudo, é a disponibilização completa do acervo digital da revista na internet⁴, podendo ser acessada sem qualquer tipo de custos, de modo que as imagens utilizadas a seguir foram todas retiradas do acervo digital.

Após a decisão do conclave em 13 de março de 2013, as duas edições seguintes da revista Veja possuíam grandes reportagens referentes ao Papa Francisco, apresentado como figura principal das capas. Na análise realizada foram encontrados o que denominaremos aqui como quatro personagens do Papa Francisco. O primeiro deles é o Papa simples e humilde. O segundo, o Papa ético, este tanto no sentido em que irá combater os problemas internos do Vaticano, como por rebater as acusações de ter participado na ditadura militar argentina, entregando dois padres para este regime. O terceiro é o Papa do povo, quase como uma figura pop, que é admirada por todos. O quarto é o Papa como figura política, que vai reverberar nos governos chamados pela Veja de populistas da América Latina, especialmente na Argentina.

Um detalhe interessante das relações entre os personagens (ou os signos referidos) do Papa é que um deles tem relação direta com o tema político, enquanto outros dois (o ético, por rebater acusações de aliados do governo argentino e o popular, por concorrer com o apoio dos pobres da América Latina) possuem ligações indiretas com questões políticas que afetam os governos de esquerda (ou populistas, como denominados nas reportagens), especialmente com o argentino. A revista brasileira Veja tem um posicionamento que pode ser considerado politicamente conservador e mais alinhado com a pensamento neoliberal, sendo, portanto, crítica aos governos de esquerda da América Latina, em especial ao brasileiro, argentino, cubano, boliviano e venezuelano. Estas posições são expressas explicitamente em seus editoriais e pelos seus principais articulistas.

2.1. O papa simples e humilde

O primeiro personagem do Papa representado na Veja é ligado a características como simplicidade, humildade e modéstia. Já nas duas primeiras páginas da reportagem

⁴ O acervo digital está disponível no seguinte endereço: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

do dia 20 de março (imagem 1), compostas apenas por uma fotografia e alguns pequenos textos, o Papa é chamado de “Francisco, o simples” (VEJA, 20/03/13, p. 60). Mais a frente, em meio a reportagem, mais uma vez a simplicidade volta a ser referida, em uma estrutura praticamente igual a anterior: “o papa Francisco, o simples” (VEJA, 20/03/13, p. 68), em outro momento é também relacionada com a posição de pastor, fazendo clara referência ao papel que fora desempenhado por Jesus com seus apóstolos e, posteriormente, pelos padres e Papas, denominando Francisco como “um pastor de alma simples” (VEJA, 20/03/13, p. 64). Por último, a simplicidade é ainda referida quando são apresentadas as ideias do Papa sobre diversos temas de destaque na atualidade em que a revista destaca que “como arcebispo de Buenos Aires, o novo pontífice refletiu com clareza – e simplicidade até exagerada – sobre questões fundamentais do cotidiano” (VEJA, 20/03/13, p. 70), neste sentido a simplicidade exagerada parece muito mais um elogio do que uma crítica à personalidade do Papa Francisco, afinal, para uma figura como o pastor da Igreja Católica, quanto maior a simplicidade, melhor.

Voltando as páginas iniciais da reportagem, outro vocábulo utilizado é a “humildade” (VEJA, 20/03/13, p. 61), estando presente como título de um pequeno texto, localizado no canto direito da imagem em que refere o pedido do Papa por orações para ele e para o Papa anterior, Bento XVI. Um pequeno texto presente também na primeira página faz uma dupla referência a questão do pastor e da modéstia: “a Igreja Católica tenta voltar à essência, com a eleição de um pastor de alma modesta para cuidar do seu rebanho ameaçado pelo laicismo e dar fim às ovelhas sujas.” (VEJA, 20/03/13, p. 60). A questão das ovelhas sujas, como metáfora para referir-se aos problemas internos da Igreja Católica será abordada mais a frente.

Imagem 1 – Primeiras páginas da reportagem do dia 20 de março de 2013



De modo a justificar as qualificações atribuídas ao Papa, a *Veja* utiliza exemplos da rotina do ainda arcebispo de Buenos Aires e também atos realizados enquanto cardeal. Assim coloca a revista em um tópico complementar a notícia, acompanhado de uma fotografia do Papa utilizando transporte público (imagem 2): “cotidiano portenho: já arcebispo, dispensou o carro com motorista. Preferia o ônibus e o metrô. [...] Recusou uma nova batina ao ser nomeado cardeal. Usava a do antecessor.” (VEJA, 20/03/13, p. 67). Mais a frente, na reportagem em si, descreve a vida de Francisco antes de virar Papa e duas curiosidades relacionadas com a sua nomeação como cardeal:

Fazia sua própria comida. Andava de ônibus e metrô. Ao ser nomeado cardeal, não comprou batina nova – pediu que lhe fosse dada a do seu antecessor, Antonio Quarracino, morto havia três anos. E propôs aos fiéis desejosos de vir à Itália, para acompanhar a entrega do chapéu cardinalício, que doassem aos pobres o dinheiro destinado à viagem (VEJA, 20/03/13, p. 69).

As frequentes visitas às favelas em Buenos Aires também são destacadas pela revista, como tópico complementar à reportagem: “entre os pobres: as visitas às favelas de Buenos Aires foram uma de suas marcas à frente da arquidiocese” (VEJA, 20/03/13, p. 67). A simplicidade é mais uma vez referida quando destaca que, durante a sua estadia em Roma para o conclave, “não usou carro do Vaticano à sua disposição. Ia a pé para a Santa Sé” (VEJA, 20/03/13, p. 69). Todo esse texto, ainda que pragmaticamente simbólico, é indiciário, ao tempo reforça o signo da humildade e da simplicidade ligado ao Papa Francisco, justificando e fortalecendo essas qualificações constantemente atribuídas a ele durante a reportagem.

Imagem 2 – Papa Francisco retratado utilizando transporte público



Outra referência à humildade é feita ao lembrar o motivo da escolha do nome Francisco, em alusão a São Francisco de Assis. Essa relação é feita também em um trecho complementar à reportagem: “São Francisco de Assis: a homenagem ao santo pobre constitui uma carta de intenções do papado” (VEJA, 20/03/13, p. 69). Aqui a

revista reitera o signo da simplicidade não só como característica já pessoal do novo Papa, mas também como uma das referências que ele deseja utilizar a frente da Igreja.

Quase a totalidade das inferências ao Papa como um humilde ou pessoa simples foram realizadas na matéria de 20 de março, possivelmente porque esta era responsável por traçar o seu perfil, enquanto a matéria do dia 27 de março está mais relacionada com questões políticas e ideológicas. Assim sendo, os indícios utilizados pela Revista Veja para configurar a personalidade do novo Papa são justamente os da humildade e da simplicidade, coerente com a escolha do seu nome papal.

2.2. O Papa ético

O segundo personagem do Papa apresentado na Veja é o Papa ético, em dois sentidos: primeiro por ser responsável por solucionar problemas internos da Igreja Católica e segundo por rebater as críticas de que o Papa estivera envolvido na entrega de dois padres para a ditadura argentina. Este Papa ético parece ser o personagem menos referido na revista, mas ainda assim é impossível não notá-lo.

Logo na primeira página da matéria do dia 20 de março (e as referências todas aos problemas internos da Igreja estão nesta primeira reportagem), a Veja coloca o Papa Francisco como responsável, como já referido anteriormente, por “dar fim às ovelhas sujas” (VEJA, 20/03/13, p. 60). A revista destaca no corpo do texto as atribuições e expectativas das ações do Papa em um âmbito interno:

Presume-se que, sob Francisco, a limpeza da Cúria ocorrerá não só por intermédio da nomeação de religiosos honestos para seus cargos-chave, mas por meio da criação de uma estrutura mais horizontal. O vento começou a soprar na direção da faxina tão logo o conclave foi concluído. [...] Até o fechamento desta edição, estava prevista uma visita de Francisco a Joseph Ratzinger. Não é improvável que eles conversem sobre o relatório guardado nos apartamentos papais que detalham as desonestidades de Bertone e companhia (VEJA, 20/03/13, p. 66).

É interessante destacar alguns termos utilizados por Veja relativos aos problemas do Vaticano: primeiramente, a utilização da alegoria "ovelhas sujas", fazendo inferência direta ao papel discricionário de pastor do novo Papa. Também a utilização do termo "religiosos honestos", sugerindo que muitos dos que ocupavam cargos-chave no Vaticano não eram honestos. Mais a frente refere-se nominalmente a Bertone e seus asseclas como responsáveis por desonestidades. Por fim, outro termo que chama a

atenção é a metáfora de faxina, no sentido em que o Papa Francisco irá limpar os problemas internos da Igreja Católica. Ora, só se pensa em faxina quando se busca instaurar o estatuto da limpeza, com a retirada de coisas sujas, que precisam ser extintas.

Com relação às acusações de ter sido atuante na ditadura por meio da entrega de dois padres para o regime argentino, a revista *Veja* traz uma reportagem no dia 27 de março abordando o tema. Embora antes, na edição do dia 20 de março, faça referências por meio de um pequeno texto complementar, que afirma:

O jornalista Sergio Rubín conta que durante o regime militar Bergoglio protegeu alunos e deu os próprios documentos de identidade a um estudante parecido com ele para que escapasse pela Tríplice Fronteira. Bergoglio nunca foi acusado de colaborar com o regime em nenhum dos inquéritos oficiais (VEJA, 20/03/13, p. 81).

Na edição do dia 27 de março, o próprio título da reportagem que se refere às acusações já prenuncia o tom da mensagem que a revista pretende apresentar, definindo Francisco como “a imitação de Cristo” (VEJA, 27/03/13, p. 82). Logo em seguida, afirma que as acusações na realidade são “inverdade venenosas contra o jesuíta que se tornara papa” (VEJA, 27/03/13, p. 82). Mais a frente justifica essa afirmação: “feitas as investigações e ouvidos todos os personagens que poderiam confirmar os ataques do agregado do governo ao papa, resulta que os depoimentos não passam de mal-entendidos e os documentos condenatórios não existem” (VEJA, 27/03/13, p. 82). Como visto neste último trecho, a matéria não só defende o Papa, mas também aproveita para acusar o governo de ser responsável por forjar acusações, isso porque, quem afirmou que o Papa entregou dois padres ao regime ditatorial é ligado ao governo. Para reforçar a defesa de Francisco, a revista *Veja* mostra indiciariamente alguns depoimentos de envolvidos no caso como pode ser visto na imagem a seguir:

Imagem 3 – Depoimentos favoráveis ao Papa em relação à sua participação na ditadura



2.3. O Papa do povo

A popularidade do Papa é abordada de dois diferentes pontos de vista nas reportagens da *Veja*. Na edição de 20 de março o personagem popular é mais ligado a

questões de simpatia e carisma, enquanto que na edição de 27 de março a imagem do Papa popular é voltada para as consequências políticas resultantes de sua grande popularidade na América Latina. Mas em ambos os casos, percebe-se que Veja apresenta “um papa genuinamente popular” (VEJA, 27/03/13, p.76), já que quem diz isso é ela mesma e como dissemos anteriormente, as inferências textuais são marcas objetivas dos posicionamentos institucionais.

Logo na primeira página de texto da edição de 20 de março, Veja deixa claro que “a multidão gostou do novo papa” (VEJA, 20/03/13, p. 64). Ainda faz no texto a referência da homenagem a São Francisco de Assis, muito querido pelos italianos e por muitos fiéis ao redor do mundo. A mesma referência é feita em uma adaptação do mesmo trecho que é retirado do texto corrido e colocado em destaque ao lado da reportagem. A palavra empatia chama atenção:

Empatia: Ao aparecer pela primeira vez como papa aos olhos do mundo, o ex-argentino e ex-Mario Jorge Bergoglio provocou ondas de simpatia instantânea a quem o viu de perto em Roma ou pela televisão. “Como é doce, como é simples”, dizia-se. “Finalmente, o Poverello é homenageado”, comemorava-se. Il Poverello (O Pobrezinho) é como os italianos chamam, carinhosamente, São Francisco de Assis (VEJA, 20/03/13, p. 65).

Se na edição de 20 de março as referências a popularidade do Papa são mais modestas, em 27 de março o seu traço popular) é colocado em destaque em diversos momentos e, na maioria das vezes, relacionado com consequências políticas negativas aos governos de esquerda da América Latina. Já nas duas primeiras páginas da reportagem (imagem 4) isso fica claro, em que, junto a imagem de uma multidão assistindo a primeira homilia do Papa, está presente o seguinte texto:

O povo é do papa: Francisco não vai interferir na política da América Latina, mas, para os populistas da região, ter um “papa dos pobres” fazendo-lhes sombra é a última coisa que queriam. Na argentina, Francisco já ganhou o coração das ruas. Em julho, ele vem ao Brasil para falar a milhões de jovens, no Rio de Janeiro (VEJA, 27/03/13, p. 74).

Imagem 4 – Páginas iniciais da reportagem de 27 de março de 2013



Ainda junto com a imagem da multidão que observa o Papa e o chamativo título, há um pequeno texto localizado no canto superior direito da página, em que mais uma vez a sua popularidade é referenciada: “um novo líder: uma multidão de católicos assiste à primeira homilia de Francisco em frente a catedral onde ele trabalhava, em Buenos Aires. Ao fundo, distante do povo, está a Casa Rosada, a sede do governo.” (VEJA, 27/03/13, p. 75). Nos dois trechos aqui destacados percebe-se uma grande relação com a política, como já dissemos. Mas há ainda outro lugar indiciário desta conduta, em que o tema político é abordado. Veja publica dados de uma pesquisa (imagem 5) na qual é feita uma comparação entre a imagem do Papa Francisco e da Presidente do País, Cristina Kirchner, e as possíveis consequências de sua nomeação como Papa para o governo e para a população argentina. Com relação à popularidade, a pesquisa mostra que 65% dos argentinos entrevistados possuem uma imagem boa ou muito boa do Papa. Em contra-partida a imagem da presidente argentina não parece ser das melhores, pois está em 40%.

Imagem 5 – Dados da pesquisa de opinião pública



2.4. O Papa como figura política

Nas matérias dos dias 20 e 27 de março o personagem do Papa com influência política é o mais diverso e amplamente abordado. Já nas reportagens de 20 de março é dado destaque à sua possível influência no futuro político da Argentina, além de levantar antigas desavenças entre os Kirchner e Francisco. Na edição de 27 de março, a política passa a ter um papel central na abordagem do Papa, desde a sua presença na capa e ao texto presente no interior da revista. Será analisada aqui, portanto, a edição do dia 20 e, em seguida, a edição do dia 27.

Logo na primeira página, em texto corrido, começam a aparecer referências ao contexto político argentino e a influência da eleição do novo Papa. “É inevitável que a Argentina, em especial, passe a frequentar com assiduidade o noticiário internacional – inclusive porque o novo pontífice não mantém as melhores relações com o governo de Cristina Kirchner” (VEJA, 20/03/13, p. 64).

Mais a frente, com o título “e agora, Cristina?” (VEJA, 20/03/13, p. 78), a revista brasileira apresenta uma reportagem que tem a intenção de traçar as relações entre o novo Papa e a presidente argentina, além de destacar as diferenças objetivas da relação entre eles no passado. O principal papel de Francisco na política argentina é o de opositor: “Néstor considerava-o seu único verdadeiro opositor. Cristina herdou o crítico severo. Bergoglio se tornou papa, sabe muito bem quem são os Kirchner e não vai esquecer” (VEJA, 20/03/13, p. 78). O discurso da revista tem claramente um tom de ameaça ao governo argentino. O seguinte trecho deixa claro qual é o posicionamento da Veja em relação ao assunto e como ela molda o personagem do Papa:

Em suas homilias dominicais na Catedral Metropolitana, Bergoglio mandava mensagens ásperas para os governantes da Casa Rosada. Distante das colunas que sustentam o frontispício da catedral, porém, ele se revela ainda mais incômodo. Em um país onde a política é disputada nas trincheiras, reunia-se frequentemente com os principais líderes da oposição e setores marginalizados pelo governo. [...] As rugas com o governo atingiram o ápice entre 2009 e 2010, quando a presidente Cristina Kirchner e o marido, Néstor, impulsionaram no congresso uma lei do Partido Socialista para regulamentar o casamento entre homossexuais. De alguns expoentes da oposição, ouvia-se que a iniciativa não passava de uma investida pessoal de Néstor para atingir seu rival de batina. O confronto entre o cardeal e o kirchnerismo renasce agora com a nomeação de Bergoglio, apenas protocolarmente comemorada por Cristina e já muito explicitamente politizada pela presidente (VEJA, 20/03/13, p. 78).

O texto funciona tal como um editorial. Logo em seguida, Veja aproveita as acusações do ex-arcebispo de Buenos Aires para, ao mesmo tempo em que projeta o Papa como a principal ameaça ao governo argentino, fazer críticas a este último. O trecho seguinte mostra uma imagem dos Kirchner como figuras más e do Papa como uma figura boa, o completo oposto do casal.

A relação com o casal presidencial já havia se transformado numa guerra surda em 2004. Um ano depois da posse de Néstor Kirchner, Bergoglio alertou, em uma homilia, para os riscos dos “anúncios estridentes” e do “exibicionismo”, definindo, ainda bem cedo, o que viria a ser a essência do governo argentino. Em 2005, Néstor, pouco afeito à religião, cancelou sua presença na missa que ocorre na catedral todo dia 25 de maio para celebrar a independência do país. “Nosso Deus é de todos, mas cuidado que o diabo

também chega a todos, aos que usam calças e aos que usam batina”, disse o presidente, em uma mais do que explícita referência ao adversário. Três anos depois, quando os agricultores paralisaram as estradas contra uma lei que aumentava os impostos sobre as exportações, Bergoglio sentou-se com os trabalhadores para, em seguida, pedir a Cristina que tivesse “um gesto de grandeza” que resolvesse o conflito. Não foi atendido (VEJA, 20/03/13, p. 79).

Na sequência da reportagem, a revista faz nova crítica ao governo, mais uma vez posicionando o Papa como a esperança para o fim do governo argentino: “em uma nação onde a oposição política foi reduzida ao pó, o arcebispo foi uma das poucas vozes que insistiram em incomodar os ouvidos dos Kirchner” (VEJA, 20/03/13, p. 80). A reportagem destaca ainda outros desentendimentos entre o governo e o novo Papa, como o respeito ao diálogo e a pluralidade religiosa, atacado pelo primeiro e defendido pelo segundo. Um caso concreto diz respeito à comunidade judaica na Argentina.

O tema da política é ainda mais abordado na edição do dia 27 de março e logo na capa (imagem 6) já é possível observar o posicionamento transmitido pela revista Veja. “À sombra do papa: A fé e o carisma de Francisco conquistaram o coração do povo – e sua influência na política da América Latina será uma bênção” (VEJA, 27/03/13, capa).

Imagem 6 – A capa da edição da Veja de 27 de março de 2013



A imagem proeminente do Papa, que a revista projeta indiciária e iconicamente como o único grande diante das presidentes dos dois maiores países da América do Sul se alia à carga simbólica do texto. A revista se posiciona apresentando o pastor em suas vestes brancas enquanto as duas mulheres, de preto, são apenas a sua sombra.

Desde o início, a representação de Francisco como o “papa dos pobres” (VEJA, 27/03/13, p. 74) é utilizada como o grande desafio a ser enfrentado pelos governos de esquerda. O trecho a seguir explicita qual é o posicionamento e a justificativa da Veja:

Para nenhum governante da América Latina com tentações populistas a existência de um papa genuinamente popular, avesso a demagogias, e ainda por cima argentino, seria motivo para comemorações. O viés paternalista dos governos da Argentina, do Equador, da Venezuela, da Bolívia e, cada vez mais, do Brasil sobrevive apenas se tiver exclusividade no papel de representante do povo. Ter de dividir essa função com alguém que lidera a religião de 483 milhões de latino-americanos, que telefona no meio da noite para os fiéis e que até poucas semanas atrás era frequentador assíduo das *villas miserias*, as favelas argentinas, é um grande incômodo político (VEJA, 27/03/13, p. 76).

Veja destaca inclusive alguns indícios que poderiam nos escapar na análise. Diz que enquanto Francisco, ao falar no Vaticano, afirmava que o ódio, a inveja e a soberba sujam a vida, a televisão do Vaticano focava na presidente argentina. Depois utiliza esse fato para, mais uma vez atacar Cristina e o governo argentino, além de dualizar as personalidades do Papa (como bom) e da presidente argentina (como a má):

Mas se havia alguém com ódio, inveja ou soberba ferida por estar na fila do beija-mão do papa, sem dúvida era Cristina, que até duas semanas atrás tratava Bergoglio como inimigo político. Recentemente, segundo relatou a VEJA um ex-candidato presidencial, Bergoglio recebeu em seu escritório na arquidiocese um pequeno grupo de políticos de oposição. Durante a conversa, o cardeal aumentou o volume de um rádio no canto da sala, a ponto de um dos presentes reclamar que não conseguia escutar direito o que os outros diziam. O clérigo explicou que o governo tinha equipamentos de escuta capazes de captar o que se falava em seu escritório. De certa forma, portanto, o cardeal era mesmo adversário do kirchnerismo, mas por culpa da própria Cristina. Bergoglio fazia, sim, críticas ao governo, mas sempre de maneira respeitosa e aberta ao diálogo. [...] Bergoglio pediu catorze audiências na Casa Rosada, situada a apenas 230 metros da catedral onde ele comandava suas missas, mas Cristina Kirchner recusou todas. Em contraste, a “rainha”, como é chamada pelos políticos de oposição, foi a primeira chefe de estado a ser recebida por Francisco, com direito a almoço privado e troca de presentes (VEJA, 27/03/13, p. 77).

Mais interessante ainda é como a reportagem é encerrada, atacando inicialmente o governo argentino e, na sequência, os latino-americanos (de esquerda), em especial o brasileiro. O posicionamento e a opinião explícita da Veja estão presentes na última frase da reportagem, que é no mínimo emblemática, em sua carga simbólica:

Cristina Kirchner, a rigor, não teria motivos para sofrer tanto por ter de se reconciliar com um antigo adversário, algo perfeitamente no peronismo clássico, afeito às alianças políticas por conveniência. (...) O problema para Cristina é outro, mais profundo e duradouro. “Com a nomeação de Bergoglio, o governo se verá obrigado a revitalizar seu discurso social para fazer frente à disputa de quem fala em nome dos pobres, a Igreja ou Cristina”, diz o

historiador argentino Fernando Devoto. (...) O primeiro teste desse poder ocorrerá na Jornada Mundial da Juventude, que reunirá 3 milhões de católicos no Rio de Janeiro, em julho. Francisco estará lá. “Sua visita ao Brasil vai causar grande impacto”, disse a VEJA Daniel Scoli, governador de Buenos Aires. Amigo de Bergoglio, ele pretende lançar-se à Presidência nas próximas eleições, apesar dos planos da sua antiga aliada, Cristina Kirchner, de aprovar a reeleição indefinida no país. O papa Francisco fará bem a América Latina (VEJA, 27/03/13, p. 78).

O texto é rico em indícios que mostram claramente o posicionamento da revista em relação ao comportamento político, condenável, do governo argentino em contraponto com a santidade papal e termina adotando a posição de que o novo Papa fará bem à América Latina, inferindo ou mesmo induzindo o diferencial que se plasma em relação aos políticos mencionados na reportagem.

3. Considerações finais

Não é a intenção deste estudo julgar se o Papa é realmente uma pessoa simples, ético e humilde. De outra parte, também não nos interessa se o governo de Cristina Kirchner é bom ou ruim para o argentinos ou se as ideias do Papa de fato serão capazes de derrubar ou desestruturar governos de esquerda da América Latina, como o argentino e o brasileiro, ou mesmo se isso seria, como sugere a revista Veja, bom para os países em que essas mudanças ocorreriam.

Buscou-se mostrar as marcas signílicas que as reportagens publicadas se encarregam de apresentar em abundância aos seus leitores. Mais do que isso, procurou-se compreender a influência tanto do Papa, especialmente pela posição que ocupa, quanto da revista Veja e entender que, por meio dos signos que emanam das mensagens publicadas pela revista, há consequências práticas do entendimento, para quem lê o texto e vê as imagens.

Assim, a revista Veja, enquanto veículo de comunicação de alta relevância, dado o seu volume de tiragem, leva consigo a cada edição uma carga expressiva de signos potentes para a formação da opinião pública. Mais do que isso, ao mostrar sua versão, induz sentidos e acaba, em última instância, por influir (a dimensão disso não se sabe) na realidade e em questões como, por exemplo, a popularidade de determinado político ou mesmo a votação que este recebe em um pleito eleitoral.

Os signos relacionados a figura do Papa, por isso, estão em consonância com os interesses da revista *Veja* (estes presentes tanto denotativa, quanto conotativamente nas reportagens analisadas ou em outras que podem ser encontradas na revista). *Veja*, por seu turno, declara-se a todo tempo. Seus posicionamentos redacionais são praticamente editoriais, notadamente críticos aos governos de esquerda da América Latina.

Ainda no âmbito político, é interessante observar que direta ou indiretamente quase todos os signos-personagens do Papa Francisco possuem uma influência política, especialmente no que se refere ao governo argentino, constantemente atacado pela revista. O governo brasileiro, considerado pela *Veja* como populista, também seria subsidiário, menor, ou moralmente devedor da dignidade e da grandeza com que o novo Papa é apresentado. A declaração da revista de que “o papa Francisco fará bem a América Latina” (*VEJA*, 27/03/13, p. 78), elimina qualquer dúvida com relação aos interesses e ao posicionamento da revista. Mas sempre se pode questionar se são dignos de crédito os signos relacionados aos papas ofertados pela posicionada revista *Veja* em sua busca por personificá-lo.

Referências bibliográficas

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. **Significações dos transgênicos na mídia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/heberle-antonio-significacoes-dos-transgenicos.pdf>

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho, do original *The Collected Papers*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1995.

SAPPER, Sadi Macêdo. **Construção midiática do Rural**: Estratégias de agendamento de sentidos no Canal Rural. São Leopoldo-RS: Tese de Doutorado (UNISINOS), 2003

VEJA, revista. Edições de 20 e 27 de março de 2013. São Paulo, Editora Abril.